

Papel do ser humano na era de IA será eixo em 2026

Marcus Rossi, CEO da Gramado Summit, prevê discussões acerca das novas tecnologias no próximo ano

Júlia Fernandes
juliaf@jcrs.com.br

Quando falamos em inovação e tendência, é impossível não citar o papel dos grandes eventos regionais que norteiam esses assuntos. Há quase uma década, a Gramado Summit reúne milhares de pessoas na Serra Gaúcha para discutir diversos temas desse universo. Apesar de ser uma das conferências de maior destaque no Estado, o evento faz parte de um movimento crescente de iniciativas que buscam discutir, prever e lançar tendências relacionadas à nova economia.

Com a próxima edição marcada para ocorrer entre os dias 6 e 8 de maio de 2026, a Gramado Summit é um exemplo desse crescimento exponencial. Em sua primeira edição, contou com cerca de 600 participantes, e, na edição de 2025, recebeu mais de 20 mil pessoas.

A Inteligência Artificial continua sendo tema de destaque em eventos como esse, porém, após o boom do assunto nos últimos anos, a próxima edição, intitulada Make It Human, busca trazer o ser humano para o centro dos debates. Marcus Rossi, CEO da Gramado Summit, entende que, no próximo ano, o movimento de entender o papel humano diante das novas tecnologias irá conduzir as discussões futuras.

Em um paralelo, o CEO rememora Revolução Industrial, que, além de discutir o avanço da indústria em si, precisou refletir sobre o sentido humano e social do processo. "Enxergo as novidades na tecnologia como estações do ano. De tempos em tempos, temos contato com alguma tendência tecnológica e a prevemos como o futuro de absolutamente tudo", aponta o empresário, comentando que, após um período, observa-se que aquela tendência é momentânea e muitas vezes acaba não "furando a bolha". Uma estação se encerra e outra cheia de novas previsões se inicia.

"Algumas passam, mas há outras que permanecem. A Inteligência Artificial irá permanecer. A partir daí, é necessário que nós, enquanto sociedade

civil, reconsideremos todo o nosso papel", reflete Rossi, afirmando que enxerga a IA muito diferente do que foi o metaverso, por exemplo. "Dois anos atrás, prevímos que o metaverso era absolutamente tudo. Temos essa necessidade de seguir um efeito manada", observa.

Impacto no mercado de trabalho e nos pequenos e médios negócios

Olhando para o mercado de trabalho, em mais um paralelo à Revolução Industrial, Rossi afirma que, embora a vida do consumidor se torne mais ágil e eficiente, o impacto da IA dentro das organizações, diferentemente da industrialização, não se restringe apenas ao ambiente operacional. O mercado de desenvolvedores, que estava superaquecido em 2020 - em parte devido à pandemia -, hoje já não está mais tão pujante. Segundo o executivo, grandes empresas já têm de 50% a 60% dos códigos gerados por IA. Funções como o debugging (busca por falhas em código) podem ser feitas pela IA com muito mais agilidade que por desenvolvedores.

"Temos inclusive exemplos de startups que se tornaram milionárias não sabendo codificar absolutamente nada, pagando Lovable AI, entre outras IAs", destaca, referindo-se a plataformas que utilizam Inteligência Artificial para desenvolver sites completos a partir de uma linguagem natural. "Acho que esse movimento que estamos vivendo traz um ressignificado para todo e qualquer emprego. Se uma máquina consegue fazer de forma mais eficiente, e sabemos que ela consegue, isso vai ter que ser rediscutido", avalia.

No contexto de negócios pequenos, o empresário entende que a tendência é que a IA siga democratizando o acesso à tecnologia,

de maneira que até dois anos atrás não se pensava. Esse acesso permite que esses negócios se tornem mais autônomos e eficientes, entregando um serviço ou um produto melhor com um investimento menor. "Por exemplo, estou usando o ChatGPT e recebo uma mensagem de que terei que pagar US\$ 15,00 para seguir utilizando. Não é barato, mas ninguém pensa quanto custaria um desenvolvedor para fazer aquela mesma tarefa. Tecnicamente, acaba sendo bem barato", pondera.

Ao observar o contexto atual e o futuro próximo, Rossi afirma que a perspectiva é que o movimento da IA transforme todo e qualquer emprego. Segundo ele, é imprescindível que as empresas adotem estratégias para que os trabalhadores busquem conhecimento e consigam ajudar a aumentar a eficiência, focando, por exemplo, na análise de dados oferecidos pelas máquinas. "Isso faz mais sentido do que apenas ligar e desligar um botão, ou solicitar que uma pessoa tablete uma série de dados", acredita.

Nesse processo, o empreendedor garante que é crucial debater se a IA consegue "matar o criativo" ou se a criatividade humana é insubstituível. O trabalho não deve acabar, mas é urgente o debate sobre os novos aprendizados necessários para a sociedade. "Pela primeira vez, estamos tendo que redescobrir qual é o papel do ser humano nesse jogo todo. Qual é o nosso papel, inclusive, na esfera da criatividade. Talvez, uma das discussões mais legais que eu gostaria de presenciar cada vez mais é sobre o criativo ser insubstituível ou não", salienta.

O bem-estar do trabalhador, ao mesmo tempo em que a capacidade de produção tem se tornado cada vez maior devido à inserção dessas novas tecnologias, é um ponto que deve, cada vez mais, estar na agenda do empreendedor. Para Rossi, é importante que as empresas equilibrem esse aumento de produtividade, o bem-estar e o desenvolvimento humano. "Se a tecnologia, como um todo, permite que as máquinas processem, entendam e façam levantamento de informações que antes eram desconhecidas, tornando os processos de fábrica mais eficientes, deveria ser considerado natural que trabalhadores buscassem outros formatos de trabalho mais flexíveis", pondera.



Para Marcus Rossi, CEO da Gramado Summit, a IA continuará em foco

O que irá furar a bolha em 2026

Analisando o mercado como um todo, o CEO sinaliza um movimento muito expressivo de startups se apresentando como um negócio de Inteligência Artificial. Ele aponta que o crescimento da IA está intrinsecamente ligado à rápida e democrática disseminação da informação, o que impacta diretamente a vida de todo mundo em um curto período.

"É notado que há um "efeito bolha" em curso. Muitas startups que surgem atualmente se intitulam IA, e essa bolha pode estourar, semelhante ao que ocorreu com a bolha das pontocom nos anos 2000. O que perdurará, no entanto, são as mudanças profundas que estão forçando a discussão sobre o papel humano", identifica.

O surgimento das pontocom no final dos anos 1990 gerou grande entusiasmo em torno do potencial comercial da internet. Investidores aplicavam em domínios pontocom mesmo que essas empresas não apresentassem lucros comprovados ou planos de negócios sólidos. Contudo, essa euforia cessou abruptamente no início dos anos 2000, quando a fragilidade de muitos desses modelos de negócios se tornou evidente.

Esse cenário levou a uma venda maciça de ações e a uma queda drástica nos índices de tecnologia. Centenas de empresas pontocom faliram, resultando em enormes perdas financeiras para os investidores e em demissões em massa de profissionais da área de tecnologia. "Não quer dizer que as pontocom perderam relevância, mas permaneceram apenas aquelas que realmente trouxeram alguma mudança no mercado como um todo", destaca.

Entre os pontos que se destacam, Rossi cita a regulamentação das novas tecnologias. A IA é uma área que gera receio devido

ao seu potencial de manipulação de informações. Em um mundo onde informações compartilhadas em grupos de WhatsApp podem se tornar verdades absolutas, a capacidade da IA de gerar conteúdo visual e auditivo falso, como frequentemente ocorre, gera receios. "Embora eu seja um grande defensor da liberdade de expressão para absolutamente tudo, a regulamentação é extremamente importante para fazer com que aquilo que é de interesse público seja apenas a verdade", defende.

De volta para os eventos que abordam inovação, tecnologia e tendências futuras, Rossi enxerga essas iniciativas fundamentais nesse processo de grandes mudanças. Ele aponta quatro pontos que continuarão a nortear esses encontros: antecipação de tendências, educação acessível sobre comportamento, inspiração para mudanças e democratização da tecnologia. "O principal objetivo continua sendo trazer para o conhecimento do público, de uma forma muito acessível, qual é o novo comportamento. Isso envolve estruturar conteúdo que trate do comportamento do ser humano, tendo em vista o mundo atual."

Ele também prevê que eventos como este adotarão uma linguagem cada vez mais acessível. Isso evitará que se tornem excessivamente nichados ou técnicos, aumentando sua eficácia ao dialogar com um público mais amplo. "O objetivo é que esses encontros apresentem as transformações provocadas por tecnologias como a Inteligência Artificial de maneira menos complexa e ameaçadora. Assim, as pessoas poderão realmente compreender a IA, em vez de simplesmente rejeitá-la", pontua, ressaltando que a rejeição não é mais uma opção, visto que a tecnologia já é uma realidade estabelecida.



Pela primeira vez, estamos tendo que redescobrir qual é o papel do ser humano nesse jogo todo